



ANGOLA



Luanda terá a sua frente oceânica renovada no próximo verão

Os megainvestimentos da baía de Luanda

200 milhões de dólares **vão mudar a cara da capital angolana** até ao próximo verão. Mota-Engil e Soares da Costa são dois dos empreiteiros envolvidos nas obras

A baía de Luanda vai sofrer uma revolução. Os investimentos e as imagens 3D são reveladas em exclusivo na primeira edição da "Rumo", a nova revista de economia e negócios angolana, que está nas bancas portuguesas e angolanas desde quinta-feira.

São três quilómetros de frente oceânica que passarão a ter, no próximo verão, 64 mil metros quadrados de espaços verdes, mais de três mil palmeiras, ciclovia, parques infantis e outros equipamentos de lazer. Quem ali vive poderá usufruir de uma espécie de Parque das Nações, como tem Lisboa. O objetivo é melhorar a qualidade de vida, mas também contagiar o resto da cidade, reorganizando uma urbe que parece caótica, mas que quer mudar e preparar-se para o futuro.

Um projeto ambicioso que incluiu, numa primeira fase, a conquista de território ao mar. Só isso custou 60 milhões de dólares (cerca de um quarto do inves-

timento total) e permitiu o alargamento da emblemática marginal, ao mesmo tempo que se fez a despoluição do mar. Hoje, por incrível que pareça, já se podem ver peixes a saltar na baía. Durante a primeira etapa foi ainda necessário mexer em infraestruturas de águas, energia, esgotos e telecomunicações.

Na segunda fase, que será concluída até final deste mês, ficarão prontos os acessos à zona portuária. Na terceira etapa, a decorrer até junho, a obra deverá ficar concluída. Ao todo, a intervenção dá-se em 700 mil metros quadrados. O dono da obra é a Sociedade Baía de Luanda (privada) e os empreiteiros que executam o projeto são as portuguesas Mota-Engil e a Soares da Costa (em terra) e a Dredging e Draimar (no mar). Os estudos urbanísticos são assinados pelo ateliê angolano Costa Lopes, Arquitetos.

Luís FERREIRA LOPES/RUMO
economia@expresso.imprensa.pt



Os três quilómetros de frente oceânica contarão com uma ciclovia

Revolução nos transportes

Estão em marcha sete projetos marítimos, três ferroviários, dois aéreos e três rodoviários. Ministro Augusto Tomás diz como quer dinamizar o sector



O ministro dos Transportes de Angola, Augusto Tomás, quer valorizar a posição geoestratégica do país

Em Angola, as vias de comunicação são insuficientes para responder às necessidades económicas do país. O ministro dos Transportes, Augusto Tomás, pretende que 2012 seja o ano da sua pasta. "Queremos criar uma rede de transportes que permita uma articulação eficaz no país e valorizar a posição geoestratégica de Angola no continente africano", afirmou à revista "Rumo".

Faz parte deste plano "potenciar o litoral angolano como veículo de transporte". Por isso, adianta que "no sector marítimo e portuário está em execução a reabilitação e modernização dos portos tradicionais de Angola e a construção de dois novos portos de grande porte, um na barra do Dande (eixo Luanda-Bengo) e outro em Cabinda".

A nova política de transportes quer acabar com casos como aquele que nos últimos anos se registou no Porto de Luanda. "Tínhamos 81 navios há 90 dias e com encargos diários na ordem de 25 mil dólares por dia. Contas feitas, ao longo do tempo em que esta situação prevaleceu o país perdia cerca de 2 bilhões de dólares por ano, que eram repassados ao consumidor final. E estes custos indiretos e outros diretos afetavam a economia do país no seu todo. Hoje estes custos já não existem. Provou-se que era possível (com a mesma estrutura, mas com outro modelo de organização e de gestão), sanear a situação", explica o governante.

Os aeroportos e os comboios são outras das prioridades. Por exemplo, "a ferrovia chegou a Malange em 2010, o caminho de ferro de Benguela já está no Huambo e brevemente também estará no Bié. E lançaremos no Lubango e Menongue, através dos caminhos de ferro de Moçâmedes", acrescenta o ministro.

Questionado sobre qual é o espaço de intervenção do sector privado na nova estratégia, respondeu: "Em tudo. Este é um programa inclusivo: uma área em que não havia privados era a do sector ferroviário. No sector rodoviário, os privados participam de forma livre; no sector aéreo, hoje temos companhias aéreas privadas; e no sector marítimo também teremos a presença dos privados no transporte de pessoas e de mercadorias".

AMILCAR XAVIER
e KUSSY EUGÉNIO/RUMO
economia@expresso.imprensa.pt



Nova revista num mercado em expansão

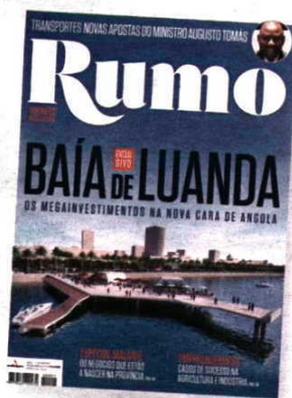
Rumo, o primeiro projeto da parceria entre os grupos Impresa e Finicapital, chegou esta semana às bancas

O mercado angolano assistiu esta semana ao arranque formal da atividade de um novo operador privado de *media*: o primeiro número da revista de economia e finanças "Rumo" chegou na quinta-feira às bancas, estreando assim a estratégia editorial da Media Rumo SA, resultante de uma parceria entre o grupo português Impresa, proprietário do Expresso, da SIC e da "Visão", e a sociedade angolana de gestão de ativos Finicapital.

Com direção editorial do jornalista Amílcar Xavier, ex-diretor de informação da TV Zimbo, e direção executiva de Luís Ferreira Lopes, antigo editor de economia da SIC, o título assume como público-alvo "as empresas e empresários" de Angola. "É um projeto muito entusiasmante, num país com forte crescimento económico", resume Ferreira Lopes, sublinhando a vertente editorial de "business intelligence" como fator diferenciador num "mercado angolano de *media* muito competitivo".

Num país que, segundo as estimativas mais recentes do governo angolano, deverá fechar este ano com um crescimento económico de 3,7% e com estimativas de evolução de 10,5% em 2012, segundo o FMI, a expansão da economia tem tido natural reflexo no sector da comunicação social.

Principal sinal dessa tendência é o facto de o investimento publicitário na imprensa e televisão angolana ter já superado os 70 milhões de dólares em 2010 (€52,2 milhões). Só no mercado televisivo, o crescimento da faturação comercial dos seis canais monitorizados pela Markttest Angola foi de 50% face a 2009. Isto num país onde o comporta-



DA ECONOMIA AO ESTILO DE VIDA

A revista "Rumo" é direcionada para a informação económica e assenta a sua estrutura editorial em três grandes secções: crescer — aborda negócios e empreendedores; saber — tendências de gestão, formação, marketing, carreira, recursos humanos e universidades; viver — aborda temas sobre o estilo de vida angolano, gadgets, viagens e livros. A primeira capa é dedicada aos investimentos na baía de Luanda.

mento dos anunciantes é diametralmente oposto ao que sucede em Portugal: os indicadores da Markttest Angola revelam que as revistas e jornais deste país arrecadam praticamente o dobro do investimento comercial gerado pelas estações de televisão.

Uma situação que estará ligada ao facto de os custos de produção televisiva serem ainda muito caros para os anunciantes angolanos, que preferem assim canalizar os seus orçamentos de marketing e publicidade para o suporte papel. Segundo a Markttest Angola, o principal anunciante tanto na imprensa como na televisão é a operadora Unitel.

"Jornal de Angola" é líder

Os dados sobre o mercado de *media* angolano compilados pela Markttest Angola permitem ainda constatar que 67,3% dos residentes na província de Luanda costumam ler pelo menos um jornal ou uma revista por dia. Entre os títulos publicados naquele país, o diário generalista "Jornal de Angola" é o que mais referências suscita nos inquiridos: 40% diz ler "sempre ou quase sempre" este diário e 55,6% admite lê-lo "às vezes".

Nas posições seguintes das preferências dos angolanos surgem o "Jornal dos Desportos" (também propriedade da Edições Novembro, dona do "Jornal de Angola"), os semanários "Folha 8" e "Angolense" e a edição angolana do diário desportivo "A Bola". O estudo da Markttest Angola identifica 18 jornais e 15 revistas de âmbito nacional editadas neste país.

No panorama televisivo, a liderança de audiências está a cargo dos canais

da Televisão Pública de Angola (TPA): a TPA2 é o canal mais visto, seguido pelo canal TPA, surgindo apenas na terceira posição o primeiro operador privado angolano, a Zimbo TV — detido pelo grupo privado MediaNova, proprietário de ativos como a Rádio Mais, os jornais "Semanário Económico" e "O País" ou a revista "Exame Angola".

Estratégia multiplataforma

Detida a 70% pela Finicapital e a 30% pela Impresa, a Media Rumo tem no seu horizonte a afirmação de um projeto de *media* angolano com recurso a todas as plataformas. A ideia é "decalcar" no mercado angolano, a política seguida no mercado português pelo grupo de Francisco Pinto Balsemão. Um plano que permitiu conciliar a aposta da Finicapital nos *media* angolanos com os objetivos de internacionalização do grupo Impresa.

"É o momento certo e o país certo para prosseguir a internacionalização", resumiu Balsemão aquando do anúncio da parceria, em abril, garantindo que "os padrões de independência e qualidade seguidos pela Impresa em Portugal serão decalcados nas várias plataformas de *media* que a Media Rumo SA vier a desenvolver em Angola".

Nesta primeira fase, além da edição impressa da revista "Rumo", o título terá também uma edição na Internet e uma aplicação para *tablets*. A "Rumo" é, de resto, a primeira marca de informação angolana disponível na loja iTunes.

ADRIANO NOBRE

abnobre@expresso.impresa.pt

NÚMEROS

€52,2

milhões foi o investimento publicitário dos anunciantes na TV e imprensa angolana em 2010

3,7%

é a previsão de crescimento para 2011 da economia angolana, revista em baixa em outubro pelo presidente José Eduardo dos Santos

104^o

foi o lugar ocupado por Angola no ranking de liberdade de imprensa de 2010 da organização Repórteres Sem Fronteiras, entre 178 países. Em 2009 ocupava o 119.º posto. Mas já chegou a estar no 76.º lugar, em 2005

